



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
UNIDADE ACADÊMICA INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA



LARA BIANCA REIS DE ANDRADE

AUTOLESÃO NÃO SUICIDA COMO PROCESSO COMUNICATIVO E ESTÉTICO

MACEIÓ - AL

2024

LARA BIANCA REIS DE ANDRADE

AUTOLESÃO NÃO SUICIDA COMO PROCESSO COMUNICATIVO E ESTÉTICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof. Dr^a. Nadja Maria Vieira da Silva

MACEIÓ – AL

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PSICOLOGIA
COORDENAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO



TERMO DE APROVAÇÃO

ALUNA: Lara Bianca Reis de Andrade

TÍTULO: AUTOLESÃO NÃO SUICIDA COMO PROCESSO
COMUNICATIVO E ESTÉTICO

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
gov.br NADJA MARIA VIEIRA DA SILVA
Data: 03/12/2024 09:39:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr^a. Nadja Maria Vieira da Silva
ORIENTADOR/A

Documento assinado digitalmente
gov.br MARIA AUXILIADORA TEIXEIRA RIBEIRO
Data: 02/12/2024 21:37:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr^a. Maria Auxiliadora Teixeira Ribeiro
AVALIADOR/A

APROVADO EM 03/12/2024

Documento assinado digitalmente
gov.br SAULO LUDERS FERNANDES
Data: 03/12/2024 10:21:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Saulo Luders Fernandes
COORDENAÇÃO DE TCC

AUTOLESÃO NÃO SUICIDA COMO PROCESSO COMUNICATIVO E ESTÉTICO

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) consiste em um recorte das atividades vinculadas ao meu plano de atividade na iniciação científica, que integrou a pesquisa **IMPLICAÇÕES HISTORIOGRÁFICAS NAS NARRATIVAS MIDIÁTICAS ATUAIS SOBRE PRÁTICAS DE AUTOMUTILAÇÃO**. Justificamos esta pesquisa por um interesse público crescente por informações sobre a relação entre autolesão não suicida e o uso das redes sociais por jovens, considerando seu potencial para benefício e/ou prejuízo. Subjacente a esse interesse está a observação de que jovens com histórico de autolesão não suicida têm preferido essas mídias para fins de atribuição de sentido às próprias práticas, como alternativa à busca por serviços de saúde. Relativo ao recorte que apresento neste TCC, as informações foram construídas em duas etapas: a) levantamento de postagens contendo as palavras-chave: autolesão, rede social e *Twitter*, durante os meses de dezembro/2021 e fevereiro/2022; b) uma análise narrativa, na qual discutimos a configuração emergente de dois perfis nas postagens: *imerso em diários e normalização*. Nos resultados, destacamos que na rede social *Twitter*, a autolesão não suicida foi expressa como ato estético. Além disso, observamos que há uma tensão entre discursos com foco na patologização e outros com foco na normalização. Avaliamos que essa tensão indica a relevância dos processos comunicativos na constituição, organização e expressão desse fenômeno caracterizado como autolesão não suicida. Com base nas informações produzidas na presente pesquisa, concluímos que a autolesão não suicida indicia uma inabilidade na construção do signo para conferir sentido às próprias experiências no mundo. Pressupõe-se nessa inabilidade, efeitos de uma interação complexa, que inclui aspectos de natureza biológica e cultural, mobilizada por experiências afetivas.

Palavras-chave: Autolesão; Rede Social; Narrativas;

NON-SUICIDAL SELF-HARM AS A COMMUNICATIVE AND AESTHETIC PROCESS

ABSTRACT

This final course work (TCC) consists of a selection of activities linked to my activity plan in scientific initiation, which integrated the research **HISTORIOGRAPHIC IMPLICATIONS IN CURRENT MEDIA NARRATIVES ABOUT SELF-HARM PRACTICES**. We justify this research by the growing public interest in information about the relationship between non-suicidal self-harm and the use of social networks by young people, considering their potential for benefit and/or harm. Underlying this interest is the observation that young people with a history of non-suicidal self-harm have preferred these media for the purpose of attributing meaning to their own practices, as an alternative to seeking health services. Regarding the excerpt that I present in this TCC, the information was constructed in two stages: a) survey of posts containing the keywords: self-harm, social media, and *Twitter*, during the months of December/2021 and February/2022; b) a narrative analysis, in which we discuss the emerging configuration of two profiles in the posts: *immersed in diaries and normalization*. In the results, we highlight that on the social media *Twitter*, non-suicidal self-harm was expressed as an aesthetic act. In addition, we observed that there is a tension between discourses focused on pathologization and others focused on

normalization. We believe that this tension indicates the relevance of communicative processes in the constitution, organization, and expression of this phenomenon characterized as non-suicidal self-harm. Based on the information produced in this research, we conclude that non-suicidal self-harm indicates an inability to construct the sign to give meaning to one's own experiences in the world. This inability presupposes the effects of a complex interaction, which includes aspects of a biological and cultural nature, mobilized by affective experiences.

Keywords: Self-injury; Social media; Narratives

1. INTRODUÇÃO

Quando questionamos acerca do conhecimento produzido sobre autolesão não suicida (ANS), deparamo-nos com variações na sua expressão, relacionadas com características sociais e culturais dos diferentes períodos da história das sociedades humanas. Esse cenário indica, portanto, que a atribuição de significados para essas práticas foi atualizada ao longo do tempo (Chaney, 2017).

Essa prática tem recebido distintas nomenclaturas: automutilação, autoflagelo, autolesão. Há, todavia, um consenso sobre o uso da expressão *Autolesão Não Suicida*, com a qual se define um ato deliberado, autoinduzido, intencional de auto dano com um resultado não fatal, mas que produz danos relevantes aos tecidos (Silva; Botti, 2017).

Alguns pesquisadores destacam que existe um interesse acadêmico crescente por investigar a relação entre a popularização das redes sociais e a diversificação dos casos de ANS (Biernesser *et al.*, 2020; Seong *et al.*, 2021). Ao mesmo tempo, eles alertam que se trata de “um problema crescente de saúde pública” entre jovens (Seong *et al.*, 2021, p. 2, *tradução nossa*), de especial preocupação por sua relação com o suicídio (Padmanathan *et al.*, 2018).

No Brasil, como providência para a alta incidência dos casos de autolesão, foi promulgada a Lei nº 13.819/19, que institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio. Uma das estratégias para a promoção de saúde mental definida nesta Lei é a celebração de “parcerias com empresas provedoras de conteúdo digital [...] para a divulgação dos serviços de atendimento a pessoas em sofrimento psíquico” (Brasil, 2019, Art. 5º).

Adicionalmente, a Lei nº 13.968/2019 criminaliza condutas de induzir ou instigar a autolesão, podendo “a pena ser aumentada até o dobro se a conduta é realizada por meio da rede de computadores, de rede social ou transmitida em tempo real” (Brasil, 2019, Art. 4º). Por haver esse reconhecimento do poder público, de que as redes sociais são espaços privilegiados para intervenções em saúde, apontamos para um forte indicativo de que precisamos nos atentar para a relação entre a autolesão suicida e as redes sociais.

Diante da necessidade de se qualificar e instrumentalizar políticas públicas e serviços de atendimento aos casos de autolesão, a questão principal que se interpõe é sobre como abordar a relação entre as redes sociais e a ANS, tendo em vista que, nessas redes, pode-se potencializar igualmente benefício e prejuízo aos jovens (Lavis; Winter, 2020; Dyson *et al.*, 2016; Arendt; Scherr; Romer, 2019; Biernesser *et al.*, 2020; Silva; Botti, 2018).

Nesse contexto, abordagens sociológicas, historiográficas e etnográficas tecem críticas às explicações sobre um contágio social, por considerá-las reducionistas, ao deixar escapar dinâmicas diversas da sociedade que são reproduzidas e integradas às redes sociais (Lavis; Winter, 2020) e contraditória, por atribuir uma influência social externa para a prática. Há nessa crítica, uma rejeição à principal premissa do conhecimento atual, na qual a ANS é um transtorno psíquico individual (Chaney, 2017).

Os estudos em que a ANS é investigada considerando seu caráter comunicativo partem da análise do conteúdo publicado e compartilhado nas redes sociais (Lavis; Winter, 2020; Silva; Botti, 2018; Hilton, 2017; Shanahan; Brennan; House, 2019), de forma descritiva (Biernesser *et al.*, 2020).

Destaca-se ainda que, quando se trata de práticas de saúde, os jovens valorizam mais informações de seus pares nas redes sociais, do que de serviços de ajuda especializados (Dyson *et al.*, 2016; Michelmore; Hindley, 2012). Para Lavis e Winter (2020). Muitos jovens recorrem às redes sociais para dar sentido às próprias práticas e resistem à procura por ajuda em serviços de saúde especializados (Dyson *et al.*, 2016; Michelmore; Hindley, 2012).

Assumimos, então, a urgência de se investigar sobre o conhecimento acerca da ANS produzido nas redes sociais. Na nossa abordagem, consideramos o impacto das redes sociais para essa prática e sua forma de expressão; isto é, nesta pesquisa reconhecemos as redes sociais como meio que possibilita a produção e renovação de sentidos acerca da ANS. *O objetivo deste estudo é caracterizar o conhecimento sobre ANS divulgado nas narrativas que circulam na rede social Twitter.*

2. METODOLOGIA

Levando-se em conta que *pesquisas em redes sociais* são atividades recentes, faz-se necessário explicitar que consideramos aqui como rede social. No presente trabalho, assumimos a definição de redes sociais enquanto plataformas cuja principal característica é permitir e facilitar interações e produção de conteúdos entre e para usuários (Cooper, 2016). A nossa estratégia de busca e armazenamento de informações é delineada pelo objetivo de caracterizar o conhecimento sobre ANS divulgado nas narrativas que circulam na rede social *Twitter*.

Nesta pesquisa, foram identificadas as narrativas sobre ANS nos textos escritos (sem análise estética de imagens). Optamos por uma plataforma que priorizasse o compartilhamento da experiência por meio da escrita. Reconhecemos que as redes sociais *microblogging* poderiam ser apropriadas para esta pesquisa, visto o seu potencial para suscitar debate em múltiplas perspectivas (Mccay-Peet; Quan-Haase, 2017; Alderton, 2018). Todavia, foi de grande relevância para nossa decisão o progressivo interesse geral de pesquisas recentes pela rede social *Twitter* (Biernesser *et al.*, 2020). A nossa decisão, pela rede social *Twitter*, foi tomada ao considerarmos seus usos e funcionalidades para se compartilhar ações e pensamentos cotidianos por meio de narrativas curtas (Rosenstisel *et al.*, 2015; Braun, 2022).

Por questões de natureza ética, esta pesquisa não teve o envolvimento direto de seres humanos. Trabalhamos com produções narrativas já publicadas na referida rede social. Através dessas produções narrativas, atribuímos sentidos à experiência humana relacionada às práticas de ANS. Entretanto, visto que há uma discussão ainda latente no debate sobre a ética das pesquisas em redes sociais, assumimos a posição de Beninger (2017) quanto ao pressuposto de que, apesar das informações em rede sociais estarem públicas e disponíveis, elas devem ser analisadas sempre no contexto próprio da rede social, sem que sejam rastreadas de modo a vinculá-las à identidade da pessoa autora.

O procedimento metodológico adotado para impedir o rastreamento foi a estratégia de substituição de palavras, de menor relevância para a análise do sentido narrativo, por símbolos, para que, dessa forma, dificultasse a identificação da autoria das pessoas.

2.1- Construção dos dados

Nossos dados foram construídos por meio das “produções dialógicas que resultam da interação entre sujeitos e pesquisadores” (Polkinghorne, 1995, p. 19, *tradução nossa*). Nesse sentido, a linguagem utilizada nos relatos das fontes escritas (postagens), articulada com nosso turno interpretativo, consistiu no material fundamental desta investigação para caracterizar o conhecimento sobre ANS que circula no *Twitter*.

Para investigar como as pessoas usuárias do *Twitter* se relacionam cotidianamente com as informações sobre ANS, realizamos uma primeira busca por postagens contendo as palavras-chave “automutilação”, por serem a forma como as pessoas que se cortam nomeiam

sua prática (Silva; Franch, 2020) e “autolesão”, termo mais amplamente utilizado na literatura acadêmica.

Quanto aos critérios de inclusão, foram armazenadas postagens referentes aos meses de dezembro/2021 e fevereiro/2022, privilegiando-se a atualidade do tema e o fato de se apresentar apenas em português, preservando a pesquisa ao contexto brasileiro (Silva; Botti, 2017; 2018). Durante o mês de janeiro/2022, as buscas foram interrompidas para uma pré-análise do material levantado, no mês anterior.

2.2 Organização das postagens

Foram armazenadas mil setecentos e noventa e três (1.793) postagens, manualmente selecionadas e armazenadas no *OneNote*, incluindo informações adicionais sobre: data da postagem e da coleta, nome do perfil, texto da postagem e *link* para o *Tweet* original. Por causa da amplitude das informações, típica de pesquisas em redes sociais (Mccay-Peet; Quan-Haase, 2017), foi necessária uma segunda etapa para organizar as narrativas (postagens) mediante uma sistemática que evidenciasse suas estruturas e temas fundamentais. Após a primeira leitura da pesquisadora das postagens, foram identificadas duas condições distintas para se experienciar a ANS *online*, que deu origem a duas categorias: 1) participantes de comunidades direcionadas à ANS, as *comunidades sh* e 2) não participantes de comunidade.

Para cada uma dessas categorias, com base nas postagens armazenadas, visualizamos a configuração de dois perfis, os quais foram revisitados durante os meses de dezembro/2021 e fevereiro/2022. Durante a leitura da história do perfil na íntegra, incluímos outras postagens relacionadas à prática de ANS que ampliaram a visibilidade desses perfis. As postagens relativas a cada perfil foram organizadas em tabelas distintas, preservando-se a ordem cronológica em que os *tweets* foram postados. Dessa forma, foi possível observar como elementos distintos adquiriram sentido narrativo e explicar o seu papel na historicidade do conhecimento sobre ANS que circulava no *Twitter*.

Reconhecendo-se que nas narrativas refratam-se histórias singulares, não há a pretensão de generalizar as informações e, desse modo, as postagens relativas aos perfis não foram selecionadas segundo critérios de representatividade quantitativa. Alternativamente, priorizamos a organização de uma narrativa exemplar para cada perfil, de modo que servisse

de referência para as informações sobre o conhecimento acerca da ANS. Em outras palavras, a seleção e a organização das informações carregaram consigo o papel ativo de nossas pressuposições ao longo do processo investigativo.

2.3 Análise das postagens e dos perfis

O procedimento de tratamento dos dados utilizado neste estudo foi descrito por Polkinghorne (1995 como *análise narrativa*, que consiste na sintetização de dados, de modo a relacionar eventos e ações enquanto contribuidores para avançar numa história, orientada por um objetivo. Nesses termos, a análise narrativa é um instrumento exercido pelo pesquisador. É ele quem intenciona o avanço da história de um fenômeno com seus processos, que tece ao articular eventos e ações observados por ele ao longo da pesquisa.

Na presente pesquisa, a análise narrativa foi tecida no diálogo experimentado pela pesquisadora na medida em que mirava a organização das postagens nas tabelas. Dessa miragem emergiram interpretações que progressivamente foram se revelando como evidências no trato da definição e caracterização dos perfis que referenciavam sentido às ações particulares das pessoas usuárias das comunidades virtuais no *Twitter*. Desse modo, a função da análise narrativa foi responder como e porque um dado desfecho particular emergiu relacionado com uma explicação retrospectiva do tópico de investigação, com destaque para as diferenças e as diversidades do comportamento humano (Polkinghorne, 1995).

1. RESULTADOS

Os resultados apresentam as observações nomeadas e sistematizadas durante a análise narrativa. As tabelas consistem na diagramação de trechos das narrativas (postagens) que expressam as características relativas aos dois perfis, que distinguem as posições e o conhecimento sobre ANS exercidos por usuários da comunidade virtual, focalizada na presente pesquisa.

3.1. Caracterização do perfil *normalização*

Optamos pela denominação de normalização considerando-se a semelhança de movimentações com aquelas encontradas num estudo sueco sobre “comunidades online” (Franzén; Gottzén, 2011), no qual os autores identificaram trechos de narrativas, frequentemente presentes na *internet*, com declarações de que a autolesão seria “uma prática normal” para lidar com questões psicológicas [...]. Os pesquisadores, por isso, nomearam essas situações como “discurso de normalização”. De acordo com os autores, a pessoa que exercita a autolesão se reconhece “como alguém diferente, única, forte e que sabe de aspectos sombrios da vida” (Franzén; Gottzén, 2011, p. 286 - *tradução nossa*).

Um dos principais aspectos identificados nesse discurso é a garantia de pertencimento a uma comunidade em torno da autolesão. Por esta razão, nomeamos também perfil de Normalização às situações, nas quais as postagens do nosso estudo se assemelharam quanto aos indicativos de aceitação da própria prática e do pertencimento a um grupo. Nesses casos, a existência de pares se revelou como uma razão suficiente para atenuar qualquer estranhamento relativo a essa prática.

Também nas postagens que analisamos, o perfil normalização tem como característica marcante a presença de uma estética própria. Relacionado com esse perfil, aparecem referências à subculturas da *internet* com costumes que se identificam e reproduzem como, por exemplo, nomes para os cortes. Além disso, suas fotos personagens de anime (não focalizada diretamente neste estudo que se voltou para análise de textos) foram muitas vezes descritas com aspecto fofo e colorido. Esses traços comuns unem os usuários em torno da comunidade que nomeiam comunidade *sh* [*Self-Harm/Autolesão*] (Tabela 1 – Ls 4, 8, 9, 12, 13, 14, 16 e 17). Enquanto comunidade descentralizada, os usuários se identificam pelos que a seguem, por quem estão sendo seguidos e pela estética e conteúdo com os quais se apresentam.

No perfil normalização, a ANS é tratada de forma praticamente dissociada da história de vida das pessoas que a compartilham. Nota-se uma insuficiência de descrição nos textos, que na maioria das vezes estão integrados com alta incidência de imagens (Tabela 1 – Ls: 1, 3, 4, 8, 9, 12, 13, 14, 16 e 17). Nessas imagens, os cortes são referidos por sua beleza, algumas vezes até em formato de desenhos fofos (Tabela 1 – Ls: 1, 3, 4, 8 e 16). *Memes* são também muito compartilhados no perfil de normalização, associados com dicas de métodos preferíveis para se cortar, esconder ou cuidar dos cortes (L 11).

Tabela 1 — Perfil de Normalização

| L | Data | Tweet | Retweet |
|----------|-------------|---|---|
| 1 | 09/02/2022 | “Achei soft” [abaixo, o print do CuriousCat: “queria ta marcando seu corpinho com uma faca e escrevendo meu nome com seu sangue”] | |
| 2 | 09/02/2022 | | “se cortar de faca doi bem mais doq com gilete falej to leve minha opiniao” |
| 3 | 10/02/2022 | *achei soft sabe. inclusive pode me chamar na dm pessoa anônima! [abaixo, o print do CuriousCat:“Eu queria marcar o pescocinho das *e da *com uma faca e depois lamber o sangue * e falar que elas são minhas meninas”] | |
| 4 | 10/02/2022 | “sh . fariam cirurgia comigo mesmo sabendo que eu faço um coração assim?” [imagem do corte] não tenho coordenação | |
| 5 | 10/02/2022 | “queria mostrar como minha lâmina tá afiada, mas meu twitter simplesmente não carrega vídeo pra postar???” | |
| 6 | 11/02/2022 | | gore. foi com gilete confia |
| 7 | 11/02/2022 | oi como que tira sangue da parede | |
| 8 | 12/02/2022 | sh . o branquinho [imagem do corte] | |
| 9 | 14/02/2022 | sh . NAO SEI SE DÁ PRA VER, MAS FEZ TIPO UNS ZIGZAG QUE DOIDO [imagem do corte] | |
| 10 | 15/02/2022 | será q só eu acho cicatrizes realmente bonitas? | |
| 11 | 16/02/2022 | como eu te explico [print de uma conversa no wpp: Mas eu ia te contar um negócio bizarro. Vou contar agora pq n sei não é tão extremo se eu não falar detalhadamente, mas ela me enviou alguns links que compartilhavam detalhadamente como poderiam cometer suicídio, cometer automutilação. | |
| 12 | 17/02/2022 | sh . . como que eu posso ter coordenação olha o estado da minha lâmina (corte + foto da lâmina) | |
| 13 | 17/02/2022 | sh . (corte) | |
| 14 | 17/02/2022 | sh . | |

| | | | |
|----|------------|---|--|
| | | (corte) | |
| 15 | 18/02/2022 | a garota criticando estilo alt [alternativo] mas a personalidade dela eh tipo t4y10r sw1ft 4cotar One dir3ction ter óculos e franja | |
| 16 | 20/02/2022 | sh . . . !! butterflies (! ▽ !) (imagem de corte) | |
| 17 | 20/02/2022 | sh . . estou inspirado hoje (imagem de corte) | |
| 18 | 28/02/2022 | oi... eu realmente não estou bem, tentei suicídio e sem sucesso, ficarei sem celular ☆, fiquem seguros | |

Fonte: A Autora, 2022.

3.2. Caracterização do perfil *imerso em diários*

No segundo perfil, também não há identificação da pessoa usuária, por ser uma conta de “espaço seguro” (Tabela 2 - L 25). As contas são criadas como um diário, muitas vezes explicitamente com um vocativo (ex: “querida futura eu”) antes das postagens. Trata-se de perfis que não foram criados com a intenção de construir um movimento em torno da autolesão e os assuntos variam mais que no perfil normalização.

Os usuários que enquadrados no perfil imerso em diários constroem uma comunidade de seguidores com amigos/conhecidos fora do espaço do *Twitter* ou que seguem a conta por motivações além da autolesão. Quando esses usuários postam sobre a autolesão, há uma ênfase em textos de autoria própria. A preferência, nesses casos, é por relatos de experiências. É comum a presença de longas *threads* relatando um evento específico que desencadeou uma situação de autolesão (Tabela 2 - L 15) ou vontade de automutilação (Tabela 2 - L 3). A incidência de relatos detalhados como característica desse perfil, pode ser confirmada observando-se o conjunto de postagens apresentadas na tabela 2. Essas postagens contam sobre situações cotidianas, como problemas com a família ou na escola, ou pensamentos autodepreciativos.

A Tabela 2 se refere aos *tweets* de um dos perfis analisados na íntegra que ilustram a categoria Imerso em Diários. Todos os nomes listados na tabela abaixo são fictícios.

Tabela 2 — Perfil imerso em diários

| L | Data | Tweet | Retweet |
|----|------------|---|---------|
| 1 | 06/02/2022 | Voltei a querer me matar nunca melhora essa * n? | |
| 2 | 08/02/2022 | Odeio meu corpo odeio minha cara odeio minha mente | |
| 3 | 09/02/2022 | KKKKKK tô com vontade de me matar de novo meu Deus isso nunca acaba? | |
| 4 | 11/02/2022 | E n sei mais oq fazer, eu simplesmente n sei e isso só me coloca de volta nesse maldito ciclo | |
| 5 | 11/02/2022 | E assim me encontrei até hoje, onde mesmo passando na faculdade e sabendo que eu deveria estar feliz eu simplesmente não estou, meu corpo n parece meu sabe? Parece que me odiei tanto que nem vivo mais, só me vejo vivendo | |
| 6 | 11/02/2022 | Isso foi na época da formatura e nunca fiz tanta merda na minha vida. Pedi para ficar com amigos e diversas outras coisas numa noite só, e após essa também. Mas esse sentimento passou e já no Natal queria morrer de novo. | |
| 7 | 11/02/2022 | Depois da 3 vez eu desisti e simplesmente aceitei que iria me matar, e isso me levou de maio a junho de agosto a setembro e de setembro a outubro, e eu ainda n conseguia pôr um fim na merda da minha vida, e então tive uma explosão de que deveria viver ao máximo | |
| 8 | 11/02/2022 | Depois disso só me cortava mais, qualquer sentimento que os cortes da perna n bastassem iria direto pro pulso e assim foi o meu terceiro. Tentei diversas vezes entender o pq de <i>Flor</i> não querer mais ser minha amg mas toda vez a resposta era sempre que nada tinha acontecido | |
| 9 | 11/02/2022 | Foi nesse ápice de nada e sentimentos que eu decidi que iria me matar até final do ano e para isso iria começar cortando meus pulsos para me acostumar, n sei se era pq já n tinha mais amigos próximos, mas consegui fazer o primeiro corte. Foi fundo e doeu muito | |
| 10 | 11/02/2022 | Foi aí que tudo parou de fazer sentido, parei de ir para escola e toda madrugada passava me cortando para tentar continuar no próximo dia, e as vezes até como punição, n me permitia sentir nem mesmo saudade que eu me cortava para n ter q sentir | |
| 11 | 11/02/2022 | N consegui, e isso me deixou muito mal pelo resto do ano. DIVERSAS outras merdas aconteceram e em resumo perdi a amizade do <i>Lírio</i> e da <i>Flor</i> no início do terceiro. N posso descrever tudo pq envolve mt essas pessoas e n sei como elas se sentiriam se eu falasse disso publicamente | |

| | | | |
|----|------------|--|--|
| 12 | 11/02/2022 | O tempo dessas memórias são todos estranhos e bagunçados, só sei que em certo momento decidi que tinha que começar a cortar os pulsos para me “acostumar” e conseguir por um ponto final nisso de uma vez | |
| 13 | 11/02/2022 | A partir da metade do ano que tudo começou a ficar terrível, comecei a me sentir ruim de novo e como com a pandemia n podia sair de casa, fiquei sufocando com todos esses sentimentos. N parava de pensar no dia que escolhi a lâmina no lugar do livro e como isso era tão irônico | |
| 14 | 11/02/2022 | O início do 2 eu me sentia ok, me mantendo com a <i>Flor</i> e afins até que em março a pandemia começou e começamos a ficar só no ead. Isso fez com que eu e <i>Lírio</i> ficássemos mais próximos pq jogávamos juntos e eu e <i>Flor</i> cvs bastante por msg | |
| 15 | 11/02/2022 | Tudo isso o 1 ano já acabou e comecei o 2 sendo colocado numa sala diferente da <i>Flor</i> , mesmo tendo pedido para diretoria me colocar na mesma, e isso em deixou muito preocupado com como ia me sentir em relação a tudo, tinha medo de eu mesmo n ser o suficiente de novo. | |
| 16 | 11/02/2022 | N sei onde essa história começa ou termina, mas voltei a me sentir com esses pensamentos que me acompanharam o nono ano inteiro. N demorou muito para eu voltar a me cortar, mas mesmo assim a minha amizade com a <i>Flor</i> e o <i>Lírio</i> (namorado da <i>Flor</i>) me manteve vivo | |
| 17 | 11/02/2022 | No primeiro ano eu prometi tentar ser diferente, e comecei a amizade mais importante da minha vida com a <i>Flor</i> . Ao longo da nossa amizade naquele ano fui me entendendo e me aceitei gay (uma das partes que eu mais odiava em mim mesmo), até que piorei de novo. | |
| 18 | 11/02/2022 | Quando acordei no outro dia cada passo me lembrava do corte pq doía muito, e isso me fazia sentir pior é se tornou um ciclo vicioso na minha vida. Até que parou, o nono ano acabou e eu por alguns meses parecia ter melhorado | |
| 19 | 11/02/2022 | Forcei a lâmina na minha coxa e só deixei a raiva me guiar. Foi meu primeiro corte profundo, no momento do corte por uns segundos tudo sumiu, e quando vi o corte por dentro eu via o branco das gorduras sendo preenchidos pelo sangue, doía tanto, mas eu esquecia de todo o resto | |
| 20 | 11/02/2022 | Os cortes abriram e sangraram, mas n era o suficiente. Fui levando o dia e chegando de madrugada o mesmo se repetiu: a lâmina forçada no pulso sem prestar para se matar. Foi então que essa frustração virou raiva, raiva de si mesmo de ser daquele jeito | |
| 21 | 11/02/2022 | Até um dia quando, em uma aula de geografia eu estava cvs demais com o professor e uma das minhas colegas falou para eu | |

| | | | |
|----|------------|--|--|
| | | cortar minha artéria aorta no pescoço (no sentido de se matar). Imediatamente comecei a me arranhar com MUITA FORÇA. | |
| 22 | 11/02/2022 | Os pensamentos de me matar n passavam, mas eu sentia que havia criado um cronômetro imaginário que seria só questão de tempo para eu me acostumar e de fato me matar cortando OS pulsos, e esse sentimento foi me levando de semana a semana | |
| 23 | 11/02/2022 | Na escola, prometi que toda vez q eu sentisse que eu estava sendo chato eu iria arranhar meus cortes até sentir que eles tivessem aberto de novo. Eu.sempre.estava.sendo.chato | |
| 24 | 11/02/2022 | Como eram superficiais saia pouco sangue e a sensação era como se os cortes inchassem só o suficiente para existir uma palatável diferença do espaço entre meu calção e minha pele, e isso foi o suficiente pra eu me arranhar e machucar ainda mais toda vez que eu me sentia mal | |
| 25 | 11/02/2022 | Gostaria de adicionar que n mostrem nem comentem isso para minha família pq já tive que excluir meu outro Twitter por isso obg a atenção * único da família permitido a ver pois confio que n compartilharás | |
| 26 | 12/02/2022 | Caras, eu bebi tanto que acho que presenciei o passado presente e futuro tudo junto | |
| 27 | 13/02/2022 | Tentei me matar hoje KKKK N TÔ NADA BEM | |
| 28 | 26/02/2022 | “Vai pular carnaval aonde?” KKKKK vou pular de uma ponte | |

Fonte: A Autora, 2022.

2. DISCUSSÕES: Quais são as características do conhecimento sobre ANS produzido no *Twitter*?

4.1 Identificação com os pares via estética

A relação entre a ANS e o consumo de conteúdo *online* é recente e reflete a maneira como as pessoas entraram em contato pela primeira vez com essa prática. Antes de 1990, a prática era tratada como um ato privado até que, por volta de 1995, as pessoas começaram a ouvir falar sobre automutilação em aulas de saúde, mídia e afins; isto é, antes de se cortarem puderam ser atraídas para experimentar ou conhecer grupos de colegas que o fazem (Adler; Adler, 2007).

Essa ampla divulgação na imprensa sobre a ANS é indício de uma “*culture of despair*” [cultura do desespero] na música moderna da contracultura, com repercussões para os jovens. Assim, a notificação de alguns casos levou à associação da ANS com estilos musicais, tais como o *heavy metal* e o gótico. Popularizou-se, então, a compreensão de que alguns grupos estariam mais vulneráveis que outros devido ao estilo de arte com que se identificavam (Chaney, 2017). Durante os anos 2000, a *internet* assumiu protagonismo nessa dinâmica, sendo privilegiada na busca por informações e na transmissão desses estilos alternativos, que motivam os jovens a “andarem com a galera errada” (Adler; Adler, 2007, p. 544, *tradução nossa*), e responsabilizada pela disseminação dos casos de autolesão.

Na nossa análise narrativa, tecida no diálogo entre nossos pressupostos e os recortes de narrativas que circulam no *Twitter* destacamos uma dimensão estética, que tem função relevante na caracterização dos sentidos produzidos nessas narrativas e no conhecimento produzido sobre ANS. No perfil imerso em diários, por exemplo, incide a presença da estética *Sadpeople* (popularizada no *Tumblr* em 2010 na figura da *SadGirl*), caracterizada pelo humor autodepreciativo (Tabela 2 – Ls 2, 4 e 28) com menor enfoque na expressão estético-visual. Esta estética é definida, segundo a *Aesthetics Wiki*, por menção a álcool e drogas, autolesão e depressão. Diz respeito às pessoas que se sentem perdidas mental ou fisicamente, com temáticas de solidão e abandono.

No perfil normalização, há um compartilhamento maior de imagens e *memes* (Tabela 1). Foi destaque a presença de elementos como *cupcakes*, *pelúcias* e personagens, sempre com uma estética fofa, *kawaii* (estejam na própria foto de perfil dos usuários ou em postagens diversas). De maneira geral, há um movimento de apropriação da estética *kawaii*, essencialmente positiva e adorável, por parte da *comunidade sh*, que subverte seu sentido na medida em que atribuem o adjetivo “fofo” aos cortes delicados (Tabela 1 - Ls 4 e 10) ou fazem uso dessas colagens coloridas *kawaii*, mas atravessando-as com textos mórbidos, sobre overdose e autolesão (típicos também da estética *SadGirl*).

A predominância da estética *kawaii* no perfil de normalização configura uma ambivalência no conhecimento sobre autolesão. Essa ambivalência tem maior expressão na estética *yami-kawaii* (doente-fofo) que reconhece a autolesão como uma doença mental e, ao mesmo tempo, recusa a visão de que é inerentemente um ato patológico e a reinterpreta como uma experiência estética, que precisa ser exibida (Tabela 1, Ls 1, 3 e 10). Sobre a estética *Yami-Kawaii*, Seko e Kikuchi (2022) observam que ela incorpora uma tensão entre

reproduzir e subverter a ordem social vigente e, de forma ambivalente, nega e impulsiona um movimento de estigmas relacionados, nesse caso, à autolesão.

Outra característica dominante do perfil normalização é o compartilhamento de *gore* (Tabela 1 - Linha 6). A estética *gore* surge primeiro no movimento artístico modernista japonês *ero-guro-nansensu*, durante o período de 1920-1930, como uma crítica à cultura de massa e à adoção de modos de vida superficiais no país, importados dos Estados Unidos (Silverberg, 2012). O efeito estético dessas imagens, notadamente violentas, é despertar simultaneamente horror e curiosidade (ex.: a curiosidade para ver um acidente urbano). Como vimos na estética *kawaii*, essa simultaneidade ambivalente é característica importante do conhecimento produzido e mediado no perfil normalização.

É importante destacar que a vontade de fazer parte de uma comunidade de autolesão somente por causa da estética é veementemente rejeitada e taxada como “não autêntica” (independente de qual seja o perfil). Existe uma regulação para que as pessoas adotem as estéticas e façam uso delas para expressar um sofrimento que já lhes é próprio (Alderton, 2018). Essa posição corrobora com as observações de Lavis e Winter (2020), de que a maior parte das pessoas que acessam esse conteúdo, nas redes sociais, já têm histórico de autolesão.

Em síntese, o conhecimento contemporâneo sobre práticas de autolesão não suicida que circula social *Twitter* estrutura-se narrativamente com a produção de sentidos singularmente orientada por um apelo estético. Nas postagens, esse funcionamento foi sinalizado na apresentação de textos escritos interseccionados por imagens, sem deixar a possibilidade para uma leitura separada de qualquer desses constituintes.

4.2 Contraste individual e coletivo no discurso constitutivo do conhecimento sobre ANS

Na rede social *Twitter*, os dois perfis (normalização e imersas em diário) são formas de contar histórias, com diferentes níveis de implicação pessoal, sobre a prática de Autolesão Não Suicida. Com uma maior implicação individual, os usuários que situamos no perfil imerso em diários relatam que o “desabafo” das experiências ruins substitui a autolesão. Para os usuários que situamos no perfil normalização, elementos da história de vida individual de cada um tornam-se preteridos, em favor de uma estética coletiva. A estética desses perfis traduz e evidencia um sofrimento coletivo e articula sentimentos, acontecimentos e perspectivas comuns à cadeia de sentidos que pertence ao grupo.

Alertamos que, na rede social *Twitter*, tal qual fora outrora na idade média, revoga-se para a prática de Autolesão Não Suicida a sua condição de experiência coletiva (Chaney, 2017). Relacionadas às vivências do agora, pequenas narrativas produzidas e compartilhadas na rede desenvolvem-se, momento a momento, de maneira descentralizada e interconectada para desafiar a perspectiva que classifica a autolesão enquanto prática individual e solitária.

Esse caráter social da prática de Autolesão Não Suicida se faz evidente nas pesquisas que localizam e apontam para o suporte dos pares, presentes nas redes sociais, como uma estratégia de suporte diante do sofrimento psíquico (Hilton, 2017; Lavis; Winter, 2020). Reiteramos que o caráter social da ANS precisa ter maior visibilidade na produção de conhecimento sobre essas práticas.

No perfil imerso em diários, o caráter social pode ser visualizado no desencorajamento para a autolesão, considerando-se que sentimentos de inutilidade e solidão são contrapostos por: mensagens de suporte e exaltação, o compartilhamento de experiências de superação, apoio com estratégias para enfrentamento da ANS e indicações de outras possibilidades de lidar com a dor psíquica. Há, portanto, um incentivo para que a pessoa não se sinta sozinha e não desista de se recuperar, estimulando um ambiente acolhedor na rede social (Tabela 2, Ls 11 e 14).

Já no perfil normalização, o caráter social pode ser visualizado quando os seus usuários postam imagens de cortes explícitos para outros usuários da mesma comunidade, que, por sua vez, também compartilham suas próprias cicatrizes, o desejo de fazer mais cortes e são compreendidos ao invés de serem hostilizados, como aconteceria se essas expressões fossem compartilhadas com alguém externo à comunidade. Argumentamos que através da aderência à mesma estética com que se identificam, os usuários subvertem igualmente as normas sociais e experimentam os limites entre o patológico e o normal.

No compartilhamento com a comunidade, apontamos para a construção de uma rede de conexões entre os usuários, que é integrada às marcações nos *posts*, destacando que se endereçam ao coletivo “*comunidade sh*” (perfil normalização, Tabela 1). Diante disso, é possível dizer que, no funcionamento do perfil normalização também há uma espécie de acolhimento das pessoas usuárias, que se, por exemplo, estiverem em meio a uma crise ou precisando de ajuda com cuidados com os cortes, elas têm a quem recorrer sem serem desestimuladas de continuar com a prática autolesiva. Esse sentido pode ser associado ao

tweet de uma pessoa usuária, ao expressar que: “a comunidade é para quem não quer parar; tá tudo bem não estar bem”.

4.3 Intensa transitoriedade na construção do conhecimento sobre ANS no Twitter

As pessoas acessam as redes sociais para compreender a si e às próprias ações e sentirem-se acolhidas em vez de estigmatizadas, especialmente nos estágios iniciais da ANS (Lavis; Winter, 2020). A postagem de uma usuária pode ilustrar este momento: “eu me arranhar quando eu tô com muitos sentimentos ruins juntos é automutilação?”. Questões como essa não apenas possibilitam às pessoas usuárias da rede social compreenderem a ANS, como abrem espaço para que seja socialmente validado o que seria e o que não seria considerado ANS, com repercussões distintas para cada um dos perfis aqui discutidos.

Reconhecemos que há nas redes formas distintas de se relacionar com a ANS e acreditamos que as pessoas se engajam nessa prática por motivações distintas e não apenas por adoecimento mental. Mas, essa variedade de formas é apagada no predomínio de uma única narrativa patologizante, para a qual não cabe a compreensão de um ato ritualístico (Adler; Adler, 2007), por exemplo, que só seria percebido dessa maneira se relatado como fora da cultura ocidental (Franzén; Gottzén, 2011).

No *Twitter*, o discurso patológico dominante é tensionado e reconstruído através de movimentos dos usuários para que sua prática seja autêntica, como exemplificado na expressão da usuária. Essa tensão se constrói entre a narrativa de patologização, com ênfase sobre ANS como sendo originada por um sofrimento psíquico individual e a narrativa de normalização, que posiciona a prática como uma escolha e um estilo de vida que é guiado por significados sociais (Alderton, 2018; Adler; Adler, 2007). Nessa perspectiva, o conhecimento produzido sobre ANS reverbera a interação e a dinâmica própria entre as pessoas usuárias de comunidades virtuais, como observamos no caso do *Twitter*. No contexto geral das redes sociais, o conhecimento produzido é rápido, líquido, renova-se rapidamente e diversifica-se em nuances, e se constrói sempre na interação.

No perfil imerso em diários, a pessoa para ser considerada em sofrimento verdadeiro não deve compartilhar imagens de seus cortes ou falar positivamente da ANS, mas pode compartilhar sobre a sua “vontade” de se cortar e o desafio de “se recuperar”. Há, como característica, o compartilhamento de pensamentos (Tabela 2). Ademais, a ANS aparece

neste perfil mais enfaticamente associada ao vício (Shanahan; Brennan; House, 2019; Silva; Botti, 2018), como uma dependência ou um transtorno legítimo que a pessoa não consegue largar.

Há, então, uma tensão entre usuários dos dois perfis: uma reação de espanto e descredibilização por parte do perfil imersos em diário em relação às *comunidades sh*. A ANS relacionada ao perfil normalização é invalidada no perfil imersos em diário, por não terem uma “doença real” e estarem “romantizando um transtorno” para “chamar atenção”, “adoecer jovens” e por serem “tudo de ruim”. Nesse caso, a prática passa a ser significada no campo da moral e social, não mais das doenças mentais.

Essas observações levam-nos à interpretação de que o conhecimento produzido nas redes sociais progride alinhado à comunidade virtual que participa diretamente, regulando-o ou contestando-o. Ao mesmo tempo, esse conhecimento está envolvido em disputas sobre o que seria a autêntica ANS.

Por fim, apontamos que as estratégias de disseminação dos dois discursos sobre ANS são similares ao que acontece em comunidades de transtorno alimentar: operam em rede descentralizada, com um cercamento em comunidades que são reguladas por um controle interno e externo (Alderton, 2018).

4.4. ANS como uma experiência semiótica complexa

Franzén e Gottzén (2011), assim como Alderton (2018) destacam que, nos discursos das redes sociais, quando uma pessoa está em sofrimento autêntico e não apenas procurando atenção, ela reconhece o discurso patologizante por um lado e, por outro, reconhece também que a ANS a ajuda, mas que não é motivo de orgulho. Observamos esse movimento nas postagens que analisamos aqui (na Tabela 1 - L 4). Argumentamos que essa ambiguidade narrativa é, por outro lado, a dinâmica de base para a emergência de comportamento autolesivo, indicando sua relação com uma dificuldade para a produção do sentido, necessária à organização de suas experiências psicológicas.

Um caminho explicativo para a ambiguidade, intensamente ativa e referida nos relatos sobre autolesão, é a experiência de fronteira definida no trabalho de Macêdo e Vieira (2015). Na reflexão dos autores, destacamos que uma integração pessoal resulta da forma como cada um de nós experimentamos os eventos no mundo, no contínuo tempo-espaço

(cronótopo). Ao experimentarmos esse contínuo, estamos destinados às particularidades e especificidades dos processos de significação para nossas ações no mundo. Nós estamos no destino para sermos diferentes, considerando que cada configuração cronotópica reflete uma tessitura única de questões históricas e culturais.

Com base em pressupostos de Bakhtin (2003) e Valsiner (2020) localizamos esses aspectos no campo das discussões sobre a regulação semiótica do funcionamento psicológico humano. Nessa abordagem, viver na fronteira é viver eternamente construindo signos específicos relacionados a experiências únicas. Nessa linha de argumentação, o comportamento autolesivo reflete uma regulação semiótica complexa na medida em que a pessoa ativa vários caminhos simultâneos para dar sentido a sua experiência, necessariamente histórico-cultural.

Nas postagens que analisamos, interpretamos que a diversificação de estéticas pode ser tratada como a ativação de caminhos simultâneos para produzir sentidos sobre experiências socioculturais. No perfil normalização, por exemplo, as comunidades buscam notadamente integração de opostos através de processos estéticos. Situados nesse perfil, os usuários do *Twitter* apropriam-se da positividade *kawaii* e a combina com elementos violentos de *gore* ou com a própria negatividade da “doença mental”, na *yami-kawaii*. Na integração de opostos, encontram beleza naquilo que é grotesco, de acordo com o comentário de Alderton (2018).

Apoiando-nos nas discussões de Macêdo e Vieira (2015), consideramos que essas estéticas evidenciam a experiência de fronteira, que se expressa pelo “uso de termos antagônicos como apelo por um ideal de totalidade. Essa totalidade é parâmetro não apenas para o texto, mas também para a experiência de existir” (p. 129). A busca por essa totalidade encontra sua apoteose na construção de um signo que dá sentido à ambivalência na medida em que integra as experiências diversas na história de vida da pessoa que se automutila.

Há, ainda, outro nível de integração viabilizado pela narratividade, que vincula histórias pessoais à história socialmente compartilhada e institucionalizada da ANS como transtorno mental, para reconhecer e legitimar as práticas de autolesão. Por essa razão, as narrativas institucionais também precisam se diversificar e não se reduzir à perspectiva patológica do modelo biomédico.

Dessa forma, apontamos que o conflito que marca a experiência de fronteira está presente na tentativa de responder às exigências culturais sobre a legítima ANS e na

inabilidade de correspondê-las, tendo em vista que não há espaço para a existência da não resposta ou da ambivalência. Ainda assim, é preciso uma resposta! Então, na dificuldade de apropriar-se da linguagem para conferir sentido à própria existência, uma narrativa individual pode ser dissolvida em uma história coletiva. A narratividade é justamente esse movimento que suporta a vida psicológica e o atuar sobre o mundo para o qual a pessoa se diferencia em sua particularidade (Macêdo, Vieira, 2015).

Na presente pesquisa, observamos que a ambiguidade incidiu nas narrativas relativas aos dois perfis (não se restringiu apenas ao perfil de normalização, como já amplamente discutido a partir das estéticas). No caso do perfil imerso em diários, aqueles que neste se situam referem-se à ANS como algo para o qual se tem vontade, mas que, ao mesmo tempo, é repulsivo e se quer evitar. No discurso biomédico, a autolesão é, da mesma forma, polivalente e ambígua, sendo, ao mesmo tempo, um forte indicador de suicídio e uma estratégia de enfrentamento para evitar o suicídio, a depender de como é significada.

Desse modo, somos favoráveis à interpretação de que antes de ser um transtorno, a ANS é um ato comunicativo, na medida em que produz e dota-se de sentidos socialmente construídos para se sustentar. A existência dessas pessoas que recorrem a essa prática é também culturalmente regulada e minada por essa grande narrativa que pretende ser universal, mas que permeia a configuração de desvios e rebeldia. Esse embate de narrativas encontra nas comunidades virtuais, como no caso do Twitter, um espaço para que seus usuários possam construir sua própria existência.

Em suma, o corpo assume o papel central frente a incapacidade de estruturação/organização semântica. Uma vez que o signo não existe, deflagra-se essa ebulição na produção de conhecimento através principalmente de estéticas coletivas, com apelo visual, para expressar aquilo que não se constituiu com palavras. Por fim, alertamos para que esse funcionamento seja conhecido e traduzido em instrumentos que possam ser aplicados aos serviços que direcionam práticas terapêuticas para os casos de ANS.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na nossa análise narrativa, argumentamos que a prática de ANS está relacionada com uma inabilidade da pessoa para criar e organizar signos e produzir sentidos sobre suas experiências no mundo. Nas discussões que tecemos nesse trabalho, mencionamos

a experiência de fronteira e ambiguidade enquanto simultaneidade do passado e futuro no presente ativada durante a produção de sentidos na narrativa (Macêdo, Vieira, 2015).

Somos inclinados a compreender que esse funcionamento é potencializado nos casos de ANS. Isto é, o ato autolesivo é um processo comunicativo, para onde incide a negociação de sentidos para as experiências da vida, que nesses casos, configuram-se com a sobreposição de cronótopos (tempo-espaço) distintos. Sentidos para essas experiências são, por vezes, inalcançáveis e a pessoa nessas condições inclui o próprio corpo como arena para a conquista de prováveis sentidos. Em outras palavras, ANS resulta de impedimentos no alcance de sentidos.

Explicações de Silva (2016) podem contribuir para essa interpretação. A autora investigou a produção de sentidos no começo da vida, destacando especificidades desse momento, caracterizado por interações assimétricas, decorrente da ausência da fala do bebê. Relevante para a presente discussão é a declaração da autora de que “a produção de sentidos é uma forma momentânea de resolver tensões” (p. 168). É possível dizer, então, que o momento da produção de sentidos é libertador e a alternativa da ANS indicia um estado de privação.

Com base nesses pressupostos, chegamos à posição na qual a ANS é um processo comunicativo exercido como uma experiência semiótica complexa. Reconhecemos, entretanto, a necessidade de um aprofundamento sobre essa posição. Nesse momento podemos apenas supor que as explicações sobre o processo de hipergeneralização descrito por Valsiner (2020) pode ajudar. Fica aqui, esse apontamento de uma perspectiva para estudos futuros.

REFERÊNCIAS

ADLER, P. A.; ADLER, P. The Demedicalization of Self-Injury. **Journal Of Contemporary Ethnography**, [S.L.], v. 36, n. 5, p. 537-570, 2007.

ALDERTON, Z. **The aesthetics of self-harm**: the visual rhetoric of online self-harm communities. Londres: Routledge, 2018.

American Psychiatric Association (APA). Autolesão Não Suicida. In: American Psychiatric Association (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014, p. 803–805.

ARENDT, F.; SCHERR, S.; ROMER, D. Effects of exposure to self-harm on social media: evidence from a two-wave panel study among young adults. **New Media & Society**, [S.L.], v.21, n. 11-12, p. 2422-2442, 2019.

BAKHTIN, M. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martin Fontes, 2003, p.3-192.

BENINGER, K. Social Media Users' Views on the Ethics of Social Media Research. In: SLOAN, L.; QUAN-HAASE, A. (ed.). **The SAGE Handbook of Social Media Research Methods**. Londres: Sage, 2017. Cap. 5. p. 57-89.

BENJAMIN, W. Novas teses sobre o conceito de história. In: Walter Benjamin. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre a literatura e história da cultura. 5ª ed. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 222-232.

BIERNESSER, C. et al. Social media use and deliberate self-harm among youth: a systematized narrative review. **Children And Youth Services Review**, [S.L.], v. 116, p. 1-15, 2020.

BRASIL. **Lei Nº 13.189 - Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio**. Brasília\DF, Presidência da República, 26 de abril de 2019. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_Ato2019/2019/Lei/L13819>. Acesso em 06 Jul. 2019

BRAUN, D. Brasil tem a quarta maior base de usuários no Twitter do mundo. **Valor**. São Paulo, p. 1-4. abr. 2022.

CHANEY, S. **Psyche on the skin**: a history of self-harm. Londres: Reaktion Books Ltd, 2017.

CHRISTAKIS, N. A.; FOWLER, J. H. When You Smile, the World Smiles with You. In: CHRISTAKIS, N. A.; FOWLER, J. H. **Connected**: the surprising power of our social networks and how they shape our lives. 5. ed. New York: Little, Brown And Company, 2009. p. 4-33.

COOPER, A. et al. **Using social media for social research**: an introduction. Social Science in Government. 2016.

DYSON, M. P. et al. A Systematic Review of Social Media Use to Discuss and View Deliberate Self-Harm Acts. **Plos One**, [S.L.], v. 11, n. 5, p. 1-15, 2016.

FRANZÉN, A. G.; GOTZÉN, L. The beauty of blood? Self-injury and ambivalence in an Internet community. **Journal Of Youth Studies**, [S.L.], v. 14, n. 3, p. 279-294, 2010.

GORECORE. In: **AESTHETICS WIKI**. Disponível em: <https://aesthetics.fandom.com/wiki/Gorecore>. Acesso em: 6 set. 2022.

GUCCINI, F.; MCKINLEY, G. “How deep do I have to cut?”: non-suicidal self-injury and imagined communities of practice on tumblr. **Social Science & Medicine**, [S.L.], v. 296, p. 114760, 2022.

HILTON, C. E. Unveiling self-harm behaviour: what can social media site twitter tell us about self-harm? a qualitative exploration. **Journal Of Clinical Nursing**, [S.L.], v. 26, n. 11-12, p. 1690-1704, 2017.

KAWAII. In: **AESTHETICS WIKI**. Disponível em: <https://aesthetics.fandom.com/wiki/Kawaii>. Acesso em: 6 set. 2022.

LAVIS, A.; WINTER, R. #Online harms or benefits? An ethnographic analysis of the positives and negatives of peer-support around self-harm on social media. **Journal Of Child Psychology And Psychiatry**, [S.L.], v. 61, n. 8, p. 842-854, 2020.

LIMINAL SPACE. In: **AESTHETICS WIKI**. Disponível em: https://aesthetics.fandom.com/wiki/Liminal_Space. Acesso em: 6 set. 2022.

MACÊDO, G. F. C.; VIEIRA, N. M. A experiência da unidade espaço-tempo na literatura e na psicologia. Bakhtiniana: **Revista de Estudos do Discurso**, [S.L.], v. 10, n. 1, p. 119-136, 2015.

MAYR, P.; WELTER. Think Before You Collect: Setting Up a Data Collection Approach for Social Media Studies. In: SLOAN, L.; QUAN-HAASE, A. (ed.). **The SAGE Handbook of Social Media Research Methods**. Londres: Sage, 2017. Cap. 8. p. 107-124.

MICHELMORE, L.; HINDLEY, P.. Help-Seeking for Suicidal Thoughts and Self-Harm in Young People: a systematic review. **Suicide And Life-Threatening Behavior**, [S.L.], v. 42, n. 5, p. 507-524, 2012.

MCCAY-PEET, L; QUAN-HAASE, A. What is Social Media and What Questions Can Social Media Research Help Us Answer?. In: SLOAN, L.; QUAN-HAASE, A. (ed.). **The SAGE Handbook of Social Media Research Methods**. Londres: Sage, 2017. Cap. 2. p. 13-26.

MOE, C. A.; VILLAVECES, A.; RIVARA, F. P.; ROWHANI-RAHBAR, A. Self-harming behavior in relation to exposure to inter-personal violence among youth and young adults in

- Colombia. **International Journal Of Injury Control And Safety Promotion**, [S.L.], v. 29, n. 1, p. 76-85, 2021.
- PADMANATHAN, P. *et al.* Suicide and Self-Harm Related Internet Use. **Crisis**, [S.L.], v. 39, n. 6, p. 469-478, nov. 2018.
- POLKINGHORNE, D. E.. Language and meaning: data collection in qualitative research.. **Journal Of Counseling Psychology**, [S.L.], v. 52, n. 2, p. 137-145, 2005.
- POLKINGHORNE, D. E.. Narrative configuration in qualitative analysis. **International Journal Of Qualitative Studies In Education**, [S.L.], v. 8, n. 1, p. 5-23, 1995.
- ROSENSTISEL, T. *et al.* How people use Twitter in general. **American Press Institute. Columbia**, set. 2015.
- SADPEOPLE. In: **AESTHETICS WIKI**. Disponível em: <https://aesthetics.fandom.com/wiki/Sadpeople>. Acesso em: 6 set. 2022.
- SEKO, Y.; KIKUCHI, M. Mentally Ill and Cute as Hell: menhera girls and portrayals of self-injury in japanese popular culture. **Frontiers In Communication**, [S.L.], v. 7, p. 1-12, 2022.
- SEONG, E. *et al.* Relationship of Social and Behavioral Characteristics to Suicidality in Community Adolescents With Self-Harm: considering contagion and connection on social media. **Frontiers In Psychology**, [S.L.], v. 12, n. 1, p. 1-12, 2021.
- SHANAHAN, N.; BRENNAN, C.; HOUSE, A. Self-harm and social media: thematic analysis of images posted on three social media sites. **BMJ Open**, [S.L.], v. 9, n. 2, p. 1-6, 2019.
- SILVA, A. C.; BOTTI, N. C. L. Uma investigação sobre automutilação em um grupo da rede social virtual Facebook. **SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, [S.L.], v. 14, n. 4, p. 203-210, 2018.
- SILVA, A. C.; BOTTI, N. C. L. Comportamento autolesivo ao longo do ciclo vital: revisão integrativa da literatura. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, [S.L.], n. 18, p. 67-76, 2017.
- SILVA, E. L.; FRANCH, M.. **Queridas lâminas: uma etnografia sobre automutilação**. João Pessoa: Editora Ufpb, 2020.
- SILVA, N. M. VI. A produção de sentidos no começo da vida. **Interação Psicol.**, Curitiba, v. 20, n. 2, p. 160169, maio/ago. 2016
- SILVERBERG, M. Japanese Modern Times. In: SILVERBERG, M. **Erotic Grotesque Nonsense: the mass culture of japanese modern times**. Londres: University Of California Press, 2012. p. 13-50.

TRAUMACORE. In: **AESTHETICS WIKI**. Disponível em:
<https://aesthetics.fandom.com/wiki/Traumacore>. Acesso em: 6 set. 2022.

VALSINER, J. **Hyper-generalization by the human mind**: The role of sign hierarchies in meaning-making processes. [S.l.]: Psychosozial Verlag., 2020.